Sobre a metaobservação: da sensorialidade ao pensamento

Thaís Helena Thomé Marques^[1]

RESUMO: A autora parte da ideia de que a base das observações psicanalíticas transita desde a sensorialidade em direção à não sensorialidade até o mental. Desenvolve conjecturas a respeito de sistemas de observação psicanalítica utilizando a perspectiva da teoria da complexidade proposta por Edgar Morin para se aproximar da ideia da multidimensionalidade da mente. Sugere essa abordagem usando como analogia o holograma. Nessa proposta, a parte escolhida intuitivamente pelo analista para observar contém o todo, isto é, a experiência em curso no momento. Sugere que o registro possível de um encontro entre duas mentes se dê por uma ruptura de simetria que promove uma assimetria que pode ser reconfigurada. Utiliza, nessa proposta, o que denomina “encruzilhada”, a decisão do analista por um determinado vértice de observação que permita continuidade na observação compartilhada. Esse percurso que privilegia a transcendência do impasse à *encruzilhada*, do contínuo ao descontínuo, do sistema ao metassistema abre perspectivas para expandir a observação. O pensamento complexo, não mais binário, mas como ponto de partida, põe em movimento o previsível e o inesperado, o lado material e o imaterial, as latências pelo caminho da observação.

PALAVRAS-CHAVE: metassistema, metaobservação, holograma, sensorialidade

1. Psicóloga. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

P. A. – “Sim, eu sei” – como esta resposta é letal! Destrói-se o desejo de iniciar a exploração ou descoberta. Esta resposta, feita para você mesmo, esmaga a sua curiosidade ou faz com que ela se refugie fora da visão, fora da mente, fora do contato social. A superfície “sim, eu sei”, a sociedade sem vida, é tudo que resta. (Bion, 1979/1996, p. 99)

Sobre a observação analítica e da observação analítica

As reflexões que me proponho a fazer, neste texto, provêm de meus *pensamentos sobre* a observação analítica e de minhas *experiências (de dentro)* da observação analítica. São pensamentos ordenados numa linguagem pessoal, penumbras de teorias que compõem meu instrumento de observação. Procuo, então, alinhar as diferentes dimensões de observação que fiz a partir de meu trabalho clínico na tentativa de sustentar observações sobre meus instrumentos de observação.

Tenho fé na psicanálise como uma *capacidade criadora* do indivíduo no seu sentido mais básico, o sentido de sua existência. Entendo *capacidade criadora* como uma disposição para partilhar dos mais precários aos mais sofisticados estados mentais em trânsito num vínculo de intimidade, promovendo, de tal modo, constantes possibilidades de construção de tessituras emocionais que permitam alcançar singularidade e inventividade durante a observação psicanalítica.

Mesmo diante da efemeridade desse fato, nessas condições de observação, é possível encontrar-se com quem se é e experimentar o senso de existência. Isso vale tanto para o paciente, se ele assim quiser e puder, como para o analista, caso ambos estejam em busca de formas de conhecimento e realizações a respeito de suas existências. Essa condição passa a ter o caráter de uma *encruzilhada* se pelo menos um dos dois não estiver disposto a prosseguir.

O termo “encruzilhada”, para mim, é menos restritivo daquilo que, em nossas teorias clássicas, chamamos “impasse”, pois inclui uma imprecisão que pode ser compartilhada, dependendo da capacidade de observação e transmissão do analista num determinado momento, em detrimento de seus conhecimentos já adquiridos. Penso ser possível permanecer por longo tempo na *encruzilhada* sem notá-la, caso nada de novo possa ser criado na relação, isto é, se, na descontinuidade do curso de uma observação, não for possível acolher e se decidir por novas direções para continuar a observação. No campo próprio do binarismo,^[2] visão paradigmática de contrários, os termos opostos, reducionistas, são excludentes.

A *encruzilhada*, como prefiro denominar, pode também ser apreendida na formulação de Bion sobre *cesura* (1977/1997, pp. 53-71) como um momento de ruptura não absoluta, já que tudo aquilo que represa é também algo que possibilita continuidade. Esse é o paradoxo no qual a contraposição que apresento passa ainda a significar uma ponte para um próximo momento mental da dupla; uma diferença de perspectiva que clama por prosseguimento, seja por meio da linguagem, de gestos,

2. O binarismo, formalizado por Aristóteles (1985), define posições contrárias, excludentes, que estão na base da lógica. Desse modo, a apreensão do conhecido se pauta por oposições, a exemplo de “vida vs. morte”, “natureza vs. cultura”, organizando-se em paradigmas que elegem um termo em detrimento de outro.

ou mesmo do silêncio. Nessa situação, a criatividade é frequentemente relacionada com a concepção e o uso de imagens e conjeturas que permitam acompanhar os desdobramentos possíveis da observação de uma experiência.

Penso que, mesmo numa nova experiência, na qual se opta por um determinado caminho em que se descartam outros vértices de observação, continuamos a ter acesso às *nossas latências*, isto é, às nossas penumbras, ao produto de nossas memórias e desejos – nossa história e reserva de potencialidades –, que podem ser evitados com disciplina, mas nunca extintos em definitivo. Essa situação é bastante complexa para o exercício da psicanálise, mas, em alguns poucos momentos, ela pode servir como modelo para nos auxiliar na nova tarefa. Isso significa, para mim, que, quando nos impedimos, por disciplina, de usar memórias e desejos para estarmos singulares com nossos pacientes, esse singular passa a ser um conjunto que inclui nossas *latências*, na *arte pensamenteada*³ de Jorge Luis Borges (2011). É sabido, pela experiência, o quanto a curta frase que há na epígrafe – “Sim, eu sei” – é sempre recorrente, mas inibe o acesso ao novo.

De qualquer forma, essas imagens e conjeturas que criamos fazem parte do nosso instrumental de observação e não passam de suposições que sentimos ser verdadeiras, embora difíceis de demonstrar conceitualmente. Podendo caminhar desde a alucinação até o sonhar, é necessário confrontá-las com os fatos para os quais somos sensíveis, isto é, confrontá-las com aquilo que a experiência denuncia para se revelarem verdadeiras para a ocasião, a fim de que façam sentido no momento. Acredito que a experiência psicanalítica tem uma base de fatos observáveis e, por isso mesmo, ao longo do artigo, tentarei expressar de outras maneiras essa situação, sobretudo por meio de uma experiência clínica.

Quando observo/penso *sobre* psicanálise, entendo que vivencio um tipo de experimento especulativo, de teorização e instrumentalização *sobre* a observação psicanalítica. Como todo psicanalista treinado, considero que a psicanálise tem um sistema de observação, que é seu método há muito estabelecido, mediante o qual o analista colhe elementos mentais para analisar uma determinada personalidade e promover a expansão do seu universo mental. Este último, à primeira vista, é passível de ser positivo ou negativo, já que ambos podem fazer parte da notação de novas dimensões mentais.

Suponho que não possamos prescindir de empregar um arcabouço estável de teorias, mesmo porque um certo conservadorismo próprio do treinamento pelo qual o analista passa é bastante positivo, especialmente no momento de publicar ou debater experiências com seus pares. Elas são um modo de observação útil para que ele não se apegue demasiadamente à própria hipótese e possa considerar outras que lhe sejam sugeridas e se componham com a sua.

3. A expressão “arte pensamenteada” elege, para os séculos XX e XXI, a coexistência da estética e da ciência, do *mythos* e do *logos*, própria da escritura de Jorge Luis Borges, sendo ela sua própria tradução.

Avalio, portanto, as teorias psicanalíticas como uma invariante que perpassa toda a história da psicanálise e todo o universo psicanalítico. Isso significa que podemos observar e comunicar nossas observações por diferentes referenciais teóricos em diferentes linguagens, muito embora o fato sobre o qual discutimos possa ser o mesmo. Considero que teorias se baseiam na solidificação de pensamentos criativos. Também na psicanálise, diversos movimentos mentais foram meticulosamente observados. Entretanto, as teorias não contêm a psicanálise, pois esta é uma observação em trânsito funcionando tal qual uma sonda. Cabe a cada um de nós, analistas, transformar em fluência o que antes era solidez. Esse pensamento pode ampliar o campo de observação em psicanálise.

Difícilmente um cientista da atualidade ainda considera o que investiga como um simples observador objetivo que aparenta não estar presente, mas se transforma num participante ativo da interação entre si próprio enquanto o observador e aquilo que observa. Nós nos tornamos conscientes da limitação de nosso método científico para analisar, explicar e implementar a intervenção que fazemos, porque sabemos que toda intervenção altera e remodela o objeto da investigação. Não se pode considerar métodos e objetivos de forma isolada, pois o método interfere e delinea o objetivo; não há pureza na observação.

Por outro lado, ao observar/pensar *de dentro* de minha observação analítica, noto que, quando estou trabalhando, minha mente capta e reflete uma parte do que a rodeia, a mente do paciente, tornando a realidade psíquica daquilo que manejo – a outra mente – também parte da realidade psíquica daquilo que sou. As sensações, emoções, pensamentos, sentimentos que emanam dessa vivência intensificam a experiência que os originou, pois, ao perceber minha mente trabalhando, a notação de que ela parece se unificar com a outra mente se evidencia para mim de modo decisivo.

Suponho, no entanto, que isso seja uma condição especial de compartilhamento da experiência emocional do momento cuja serventia é captar profundamente estados mentais bastante primitivos que estão presentes, já que eu os apreendo *na* observação analítica como uma inquietação, e podem me dar evidências da presença de outra mente. Observo que são movimentos em direção à sensorialidade, ao que há de mais básico, e que, no entanto, posso torná-los pensáveis.

No meu modo de ver, a ideia de aprofundamento que acabo de citar tem relação com esses movimentos nos quais é possível criar subjetividade a partir de sensações. Acredito que a evidência da presença de outra mente ocorra por aquilo que mais se aproxima do eriçar de pelos de um animal acuado, minhas sensações. Eu as tomo como frio na barriga, opressão no peito, mal-estar no abdome, náuseas, estado de excitação, de adormecimento, riso espontâneo etc.

Diversamente da ideia de contratransferência, que delimita objetos e é inconsciente, as produções mentais decorridas desse estado mental são conscientes para mim, e eu as observo no momento mesmo em que se apresentam e quando eu ainda não sei o que fazer com elas. De qualquer maneira, acredito ser essa inquietação uma expressão emocional do instinto de vida, que tem implicações no instinto epistemofílico.

Ressalta-se a existência de uma curiosidade a respeito de outra mente pela do analista, cujo investimento afetivo está mais a serviço da observação e do conhecimento sobre a experiência, mesmo que amedrontadora, e menos da construção de um enquadramento moral. Refiro-me ao instinto de vida no sentido biológico, o da sobrevivência, e à busca de conhecimentos sobre os problemas que se apresentam na presença do outro. Bion ilustra essa situação com a metáfora do perigo compartilhado entre o tigre e o cervo no momento em que se aproximam. Nas suas palavras, o analista precisa descobrir um modo de formular o medo compartilhado para si mesmo e reformulá-lo de um modo compreensível, digerível para o outro: “algo está prestes a ser comido; algo está prestes a fugir e não deixar nada para ser comido” (Bion, 1979/1996, p. 125).

Como a observação psicanalítica é utilizada por vários e diferentes analistas e também por diferentes pacientes, proponho-me a fazer uma breve investigação desse processo, o que me sugere primeiramente muitas indagações: que motivações eu tenho para realizar o trabalho analítico? O que penso sobre a psicanálise? Como percebo a ligação da psicanálise com a vida e como ocorre, para mim, a experiência com outra mente ou com a minha própria e, mais especificamente, com as formulações e interpretações que ofereço ao paciente? Quais são meus sistemas de observação? Além disso, qual é meu instrumento de observação? Como e quando acontece a recepção pelo paciente da comunicação do analista e vice-versa? Que tipos de sistema observacional sustentam uma observação, e como posso torná-los operativos em minha prática? Em síntese, como desenvolver uma psicanálise voltada para a vida, a minha própria e a do paciente?

Entretanto, essas questões, obviamente, não serão respondidas, apenas servirão de diretrizes para a construção desta comunicação sobre observação em psicanálise. Confesso que minha experiência com este texto é tentar manter a linha entre a psicanálise e a vida, tão fluida quanto indistinta, mesmo sabendo quão difícil é alcançar essa condição sem perder de vista a função psicanalítica. Uma experiência clínica me auxilia a expressar como procuro fazer minhas observações.

A pessoa com quem estive durante determinada sessão estava me falando de sua irritação, fazendo conjecturas sobre a causa dessa sua situação no momento. Segundo sua visão, a irritação estava relacionada com a falta de atitude de seus funcionários, que se ausentam, ficam meio adormecidos, esquecem-se do que ela lhes pede etc. (Anteriormente, numa outra sessão, havíamos conversado sobre a ideia de que “ao cochilar, o cachimbo cai”.)

Isso se desdobra numa conversa sobre perda da função de modo geral. Nesse momento, ela me parece estar, ao conversar comigo, treinando um modo de falar com um ou outro de seus muitos funcionários/comigo: “Eu preciso que você faça isso, você não pode se esquecer, disso depende o bom andamento das coisas aqui na empresa...” Sua irritação vai se acalmando visivelmente até que me informa, de maneira apaziguada, que ficará ausente nas quatro semanas posteriores em virtude de uma viagem que fará com o pai para X (país distante que nunca pensou em visitar, pois não lhe interessa).

Explica que vai porque o pai faz questão e quer lhe oferecer a viagem há tempos, e que ela sempre se esquivou, por isso nunca comentou o fato comigo. Enquanto vai falando, começo a sentir incômodos físicos – entre eles, uma espécie de vácuo no abdome – que, no momento, me pareceram vir do fato de que teria quatro horários vazios por bastante tempo e que não saberia como me ocupar. Experimento uma estranha impressão de que ficarei vazia nesse vácuo; tendo tanta coisa a fazer, imagino que estarei presa nisso e me vejo impossibilitada de exercer minha função. No momento, considero esses pensamentos e essa imagem de mim mesma muito bizarros, pois, quando tenho vagas de horário, costumo ler, escrever, enfim, cuidar de minha vida.

Volto-me para ela, que está falando da viagem, mais particularmente de como seu pai elogia o país para onde vão e de como ele lhe afirma que a aproveitará muito. Percebo, logo, quão delicada e fluida era a linha entre o que a pessoa estava vivendo (mesmo que aparentemente já tendo se acalmado) e o que eu mesma estava experimentando (naquele momento, com intensidade). Digo que me parecia que ela não queria se afastar de mim, ao que reage: “Sim! Agora não é hora de sair. Não quero me sentir sozinha. Tenho tanto a conversar e me parece que vou estar lá sem poder aproveitar meu tempo e querendo estar aqui nos nossos encontros”.

O campo de observação e a possibilidade de sintonia com a experiência emocional

Levando em consideração essa experiência clínica, penso que um dos acontecimentos que me interessam na observação analítica é a busca de algum tipo de sintonia com a experiência emocional dentro do campo de observação que, acredito, esteja se desdobrando. Uma visão complexa do que está se passando entre mim e meu paciente e o exercício da função analítica se devem ao fruto de um trabalho íntimo que inclui principalmente fé: em minha personalidade; na formação psicanalítica que me permite colher os produtos da análise à qual me submeti e de meus estudos; e na possibilidade de me afinar com minha intuição.

A possibilidade de o analista buscar sintonia com o campo de observação é, portanto, bastante complexa, tanto que, para acontecer, depende de ele entender em sua própria mente o que um determinado fato psíquico significou para si próprio, independentemente de comunicar ao paciente o caminho mental por ele trilhado.

Assim, em meu trabalho clínico, considero a condição de me localizar pertencendo ao campo de observação como sendo de importância crucial para que eu entre em sintonia com a experiência do momento. Quando me conecto desse modo, posso tomar esse aspecto como pertencente a um holograma, uma representação visual do que existe no momento ou pode vir a existir. Os hologramas têm uma característica única: cada parte deles contém a informação do todo.

Através da leitura do capítulo 10 de *Elementos de psicanálise* (Bion, 1963/2004), apreendi que essa situação está em consonância com o que entendo que Bion fala a respeito dos elementos β : que eles contêm uma parte da personalidade em sua

composição. Ele sugere que Elemento β é uma partícula elementar de uma consciência reflexiva que compõe uma concepção que busca realização e novas concepções. Equivale a dizer que Elemento β pertence a um campo de fragmentação PS; e D representa todo o campo de partículas elementares, podendo ser considerado um objeto integrado e muito mais amplo. Considero o holograma como um modelo equivalente à vibração $PS \leftrightarrow D$.

Incluo nestas considerações que também posso ser observada por meu paciente, o que permite algum tipo de intersecção das observações, muito embora sejam de dimensões de diferentes ordens. Eventualmente, o paciente manifesta o que, a princípio, pode parecer uma emoção de grande amplitude e intensidade que o intimida, mas que, para mim, está indeterminada por eu notar que se trata de uma sensação (bem-estar ou mal-estar). Ele a está captando num nível, e eu, em outro; são dimensões de diferentes apreensões.

De minha parte, vou encontrando imagens e ideias que me possibilitem anunciar para mim mesma as sensações que, em minha mente, brotam desses fatos apresentados de modo intenso e indefinido. Percebo que são vestígios de emoções insuportáveis para o paciente no momento, mas que podem ser captados por mim a partir de sensações. Quando há intersecção de observações, pode parecer que estamos falando de assuntos diferentes. Entretanto, levando em conta essa minha percepção sobre o holograma, acredito que falamos a partir de diferentes vértices sobre o mesmo ponto. Suponho que suas sensações guardem relação com as imagens que pude coletar a partir de diferentes padrões que intuí das sensações presentes em nossos encontros.

Creio que faça parte do instrumental de observação que cada analista tem como fonte de suas imagens mentais uma coleção de imagens colhida de padrões sensoriais, relativa àquela determinada experiência analítica. Tais imagens se apresentam de modo semelhante a uma conjunção constante, um padrão sensorial que, do meu ponto de vista, constitui uma evidência da experiência emocional em curso. Imagino que sensorialidade $\leftrightarrow$ não sensorialidade sejam interfaces. De um lado está o que posso considerar como uma *visão β* que percebe caracteres objetivos, qualidades fixas e determinadas, e tenta apagar qualquer vestígio de nossa primeira impressão. De outro lado, uma *visão α* que percebe o mundo num estado mais fluido e flutuante, sendo uma percepção impregnada de qualidades emotivas que privilegia a força original de nossa primeira experiência. Mentalmente transitamos entre esses dois tipos de visão para colher nossas imagens.

Monet intuiu e expressou diferentes padrões de luminosidade incidindo sobre uma estrutura que, a cada momento, revelava diferentes pontes, delineadas por diversas incidências de luz. Essas diferentes dimensões e expressões podem ser formuladas pela ideia: “vejo uma ponte”. A experiência levada a cabo pelo pintor demonstra a complexidade do que vemos e traduzimos como realidade, isto é, uma ponte de Monet é apenas um ponto de vista de um objeto complexo: a ponte e o observador. A cada

momento e a cada movimento de observação (a cada incidência de luz) um objeto (ponte) é delineado e percebido por um diferente observador (Monet) e, portanto, de um diferente ponto de vista.

Parto da ideia de que os hologramas sejam registros de objetos que, quando iluminados de forma apropriada, delineiam para mim uma cena. Essa mesma cena reflete e absorve de volta uma luminosidade. Posso conjecturar que o objeto construído à luz do meu sistema de observação é capaz de reenviar, para mim mesma, informações a respeito de algo que está acontecendo ou está por se constituir. Isto é, um observado e um observador (iluminações) são construídos no momento mesmo da experiência (momento fugaz).

Essas considerações me permitem uma espécie de captação tridimensional de uma experiência multifacetada, caótica, mas que pode ser vista por diferentes ângulos de observação e contém diversas probabilidades de desdobramento provindas das possíveis intersecções das nossas observações. Cabe ao analista, que supostamente pode ter mais capacidade de pensar no momento, ordenar o caos da experiência para delinear o campo de observação.

Na experiência clínica anteriormente descrita, não apenas as palavras da pessoa com quem eu me encontrava, mas o conjunto daquele instante da experiência foram percebidos por mim sensorialmente e transformados numa imagem de mim mesma, vazia, sem ter o que fazer e, no entanto, paradoxalmente tendo tanto a fazer.

Eu me encontrava quase emocionalmente afastada de mim mesma e, ao mesmo tempo, precisando de mim. Considerando esse momento como um holograma, foi possível primeiro me localizar e, em seguida, explorar e organizar parte da experiência emocional em que nos encontrávamos. Tomei o holograma considerando-o como uma ínfima parte da observação de uma experiência muito mais ampla, mas que pude apreciar como contendo alguns elementos desta última e me colocar em direção ao compartilhamento.

Nesse contexto, não parto da observação de uma realidade oculta no íntimo da pessoa com quem estou, mas, sim, parto de um movimento mental que pode ser alcançado em uma linha traçada por minhas escolhas, mitos, sonhos – categoria C da grade (Bion, 1977/1997) – que reflitam, de maneira gradativa e ao mesmo tempo transitória, os fatos e os gestos dispersos (elementos $\beta \leftrightarrow \alpha$) que compõem a experiência emocional de um instante com a pessoa com quem estou, bem como a trajetória percorrida por nós até aquele momento. Na experiência que descrevi, configurou-se entre nós um momento que nunca existiu e que passa, então, a ter existência. Notei também que nos possibilitou minimamente discriminar *nós*, *eu* e *tu*, o que explicarei em seguida.

Ademais, se tomo o campo de observação levando em conta, por exemplo, a ideia de preconcepção de Bion, um estado de expectativa, posso imaginar que a verdadeira essência, nunca alcançada, mas sempre buscada, não habita profundamente oculta em si mesma, mas, sim, sempre além de nós, além daquilo que tomamos como nossa identidade e nossa existência.

Para que ela possa se expressar significativamente, é necessário fazer uma apreciação da relação entre as pessoas envolvidas no processo analítico; não somente o analista e não somente o paciente, mas a relação entre eles. Importa o que está acontecendo entre nós, entre momentos, entre dimensões mentais. Importa não o momento em que estamos, mas o momento em direção ao qual estamos partindo.

Nas palavras de Bion (1992/2000):

O que tem significado quando alguém fala sobre “Eu-Tu”, não são os dois objetos relacionados, mas a relação, ou seja, uma realidade em aberto, na qual não existe término (na acepção que os seres humanos comuns compreendem). A linguagem dos seres humanos comuns só é apropriada ao racional, só pode o racional, só pode fazer afirmações em termos de racionalidade. (p. 382)

Movendo-se em direção à busca de possibilidades de expressão para os acontecimentos em psicanálise, em *Cogitações*, Bion (1992/2000) coloca para si mesmo uma indagação a respeito dos tipos de relacionamento. Pergunta-se se os símbolos matemáticos para adição, subtração, multiplicação e divisão poderiam ser tomados como expressões de relacionamento.

Provavelmente estava procurando maneiras de potencializar a teorização analítica com instrumentos matemáticos, criando aberturas fascinantes para a psicanálise, assim como as bases necessárias para o seu desenvolvimento ulterior. Stitzman (2014), contemporaneamente, desenvolve em seus trabalhos propostas dessa ordem.

Num modelo de observação bastante interessante, Bion (1992/2000) superpõe operações matemáticas a conceitos e ideias psicanalíticas:

Isto e isto e isto = uma mesa (*adição*)

Uma mesa sem pernas ou tampo ou dureza ou maciez = alucinação (*subtração*)

Uma mesa *multiplicada* por hoje e amanhã e o dia seguinte e o dia seguinte = muitas mesas
Mas... e se for a mesma mesa? E se duas pessoas têm que compartilhá-la, a mesa é *dividida* por dois? (p. 282)

Entendo que cada um desses supostos tipos de relacionamento está presente no campo de observação do analista, caso ele leve em conta a presença de outra mente em relação com sua própria e a maneira como essa relação está se constituindo na experiência que estão tendo, em direção ao próximo momento. E me pergunto se a própria presença de um para o outro pode ser expressa por alguns desses símbolos.

Posso conjecturar que essas operações indiquem perspectivas a respeito das possibilidades e encruzilhadas para relacionamentos, bem como diferentes configurações sobre a experiência em curso e sua captação. Como nossas observações e conceitos apontam, acredito que exista uma base de fatos para aquilo que a psicanálise observa. Nos termos conceituais há uma experiência emocional em andamento que só pode ser registrada a partir de uma ruptura de simetria e de suas diferentes dimensões expressivas.

Nutro uma profunda consideração pela ideia de que os fenômenos que captamos só podem ser observados quando há uma ruptura da simetria no curso de uma experiência humana. E ela acontece pela inclusão da presença de uma outra mente que, em geral, promove inquietações. Aqui estou considerando a notação das diferenças entre as mentes, entre os momentos ou entre os estados mentais.

Levar em conta que estou incluída nas observações que colho é considerar essa ruptura e o espectro das interferências emocionais que provoço e daquelas pelas quais sou provocada. Acredito que a percepção de outra mente na periferia da minha existência se inicie pelas *sombras* ou inquietações que podem inicialmente ser notadas na dimensão sensorial. A partir desse registro torno-me capaz de trabalhar esses elementos com meu instrumental observacional e de dotá-los de qualidades psíquicas.

Cada analista vai construindo o seu instrumento de observação, que inclui seu próprio corpo, sua intuição e todo o seu treino e aprendizado na vida e nesse grande campo de observação da existência humana, a psicanálise.

Vou agora utilizar essas últimas citações para tentar organizar e ordenar ainda de outro modo o campo de observação da experiência clínica que descrevi, traçando novos pontos de vista que permitam me aproximar de outra maneira da experiência.

Se eu levar em conta a referência de Bion (1992/2000) sobre os tipos de relacionamento, posso também pensar que, inicialmente, estava ocorrendo uma espécie de relação de *adição*. A pessoa com quem eu me relacionava parecia estar me oferecendo, adicionando ideias a respeito das razões para sua irritação. Quando se refere à viagem de maneira apaziguada, parece subtrair o que seria um encontro de suposta intimidade com o pai/comigo.

Em seguida multiplica diferentes fatores por nada – não se interessava pelo país, nunca havia comentado comigo e, provavelmente, nem consigo mesma –, o que nos levava à impossibilidade de sonhar. Algo como se tudo fosse elevado a potência zero, elementos que eu percebi como sendo eu mesma sem ter o que fazer, tendo a sensação de que minha vida estava sendo tirada de mim mesma. Isto é, eu só e sem alcançar a mim mesma mentalmente = *multiplicação por zero*.

Quando pude conjecturar elementos que poderíamos compartilhar e que eu vivenciava como vazio em meu abdome, pude experimentar o trânsito da subtração em direção ao vazio e, posteriormente, para a divisão, no sentido do compartilhamento da mesma experiência.

Avalio que adição e subtração sejam operadores mais básicos para realizar movimentos entre dimensões mentais e relacionamentos; são da ordem do binarismo, como sinais, análogos às brincadeiras de aparecer e desaparecer das crianças. Operadores de multiplicação e divisão realizam movimentos com a mesma finalidade, mas implicam o trânsito por diferentes dimensões, isto é, propõem uma complexidade e sugerem o uso de elementos subjetivos.

A partir disso, levando em conta os padrões que pude perceber da trajetória de vida dessa pessoa comigo e com ela própria, posso imaginar que, para ela, eram

muito comuns as experiências relacionais de adição e subtração, multiplicação pelo vazio. As experiências de compartilhamento – ou divisão – algumas vezes podiam ser vividas comigo e preencher de afetividade nossa relação.

Assim, à luz da minha experiência e compreensão, criei um sistema de observação psicanalítica para esse caso que contempla alguns tipos de relacionamento em trânsito na experiência que tivemos. Apresento algumas características que passam a ter existência para mim no decorrer da minha própria experiência e que pude compartilhar com ela. Creio que a capacidade que temos de conhecer é limitada pelos órgãos do sentido que a natureza nos ofereceu. Quando podemos fazer nascer um órgão responsável por um sexto sentido – a intuição –, os fatos psíquicos podem aparecer diante de nós em suas outras dimensões.

Sistemas de observação/metassistemas de observação

Desde Freud consideramos que, em psicanálise, a compreensão sobre a mente humana pode se expandir cada vez mais. No entanto, seu campo de observação, como todo campo de observação, tem um limite, absolutamente necessário para sua própria expansão. Dizer que a psicanálise é uma ciência viva é dizer que ela gera experiências e conhecimentos e/ou que ela é gerada por experiências e conhecimentos.

Apoiada desde os seus primórdios na linguagem, a psicanálise propôs que todas as categorias de comunicação pudessem lhe conferir clareza de ideias, a cura pela fala, o que possibilitaria ao analista fazer suas interpretações. Ainda hoje, exceto pela ideia de cura, esse pressuposto me parece válido, embora, do meu ponto de vista, acrescido pela necessidade de muito mais tempo. Tempo para continuar a observar como a experiência se desdobra, se considerarmos a mente como um universo em expansão.

Além de ouvir e aquém das interpretações, falamos ainda mais em direção ao mistério contido em cada momento da experiência humana; fazemos perguntas, oferecendo ao paciente formulações, modelos, ideias transitórias que podem estar na categoria C da grade de Bion (1977/1997).

Mistério está associado à complexidade do objeto analítico, carece de tempo para o mínimo entendimento. Não se desvende porque não se sabe, já que não é algo escondido. Tal qual a *verdade última*, de Kant^[4] (1781/1988), estamos sempre indo em direção ao *mistério* e, no entanto, sem poder alcançá-lo.

Para mim, soa como estar presente e em marcha pelo deserto, em busca de algo muito precioso, entretanto tendo muito poucas, pouquíssimas referências. Nesse caminhar podemos nos encontrar não com esse algo precioso, mas com uma inesperada e forte tempestade de areia que nos cega, além do sol escaldante sempre presente. A busca pelo *mistério* exige fé no contato com experiências interessantes – porque novas e férteis, porque compartilhadas – que podemos encontrar durante a caminhada.

4. Para Kant, vive-se no mundo dos fenômenos (representações), sem chegar ao númeno (a coisa-em-si). O criticismo kantiano e a sua revolução copernicana instauram a travessia na busca do conhecimento, sem atingir a essência última.

Note-se que me refiro mais ao analista e menos ao paciente, pois este último frequentemente experimenta essa situação com terror e desespero. Cabe ao analista estar presente e conectado com seu campo de observação para ir apresentando ao paciente possibilidades de desdobramento da experiência.

Acrescento que, vez por outra, a essas perguntas se somam respostas para algumas das questões do paciente, mesmo tendo consciência da importância para a psicanálise de o analista não atender aos desejos daquele. Essas respostas bem podem nos servir como precursoras de outras ideias para ir colhendo elementos que sirvam para continuar a observar, investigar, pensar e interpretar.

Assim, com a finalidade de prosseguir a observação, experimentamos uma espécie de *contínua descontinuidade*, um estado de expectativa constante. Como no modelo da marcha pelo deserto, algumas ideias que encontramos pelo caminho podem se tornar familiares e, então, paramos para contemplá-las. No entanto, não devemos ficar a admirá-las por muito tempo, pois a busca persiste.

A observação na relação analítica e sua continuidade têm sido consideradas por muitos psicanalistas como uma maneira de tornar vivas as muitas ideias formais e conceituais nas quais o fazer na psicanálise está baseado. Toda a obra de Bion me parece ser uma teoria da observação. Tenho notícias de que muitos colegas analistas compartilhavam dessa ideia muito antes de mim.

Um sistema de observação e investigação da vida mental pode auxiliar o processo do pensamento que, para acontecer, depende de o analista se conectar com suas ferramentas e com a linguagem adequada para poder expressar problemas relativos à complexidade da mente e das relações, carregando paradoxos em si próprio. Cada analista vai forjando suas ferramentas, isto é, afinando sua intuição e tecendo uma linguagem própria para registrar e comunicar o que para ele é o essencial de uma determinada experiência.

Em seu livro *O método 1* e mais particularmente na seção intitulada “Organização: do objeto ao sistema”, Edgar Morin (1977/2008) desenvolve ideias interessantes sobre o conceito de sistemas. Menciona que só pode ser estabelecido na e pela combinação de sujeito e objeto, não podendo haver eliminação de um pelo outro. Não existindo objeto de investigação totalmente independente do sujeito que o observa, este último não só verifica a observação, mas agrega a auto-observação ao sistema.

Para o autor, há *sistemas observados* e *sistemas observadores*, sendo estes últimos sistemas humanos que devem ser imaginados e incluídos como sujeitos. O sujeito que conhece torna-se o objeto de seu conhecimento. Esse sujeito não é sabedor de todas as coisas (teorias clássicas) ou juiz soberano (uma teoria que pretende definir todo o contexto), mas sim o sujeito vivo que traz à baila sua própria precariedade e finitude.

Morin (1977/2008) segue nos oferecendo uma importante formulação a respeito do que para ele é um *metassistema*, isto é, qualquer sistema considerado como agrupamento de outros sistemas:

o observador também faz parte da definição do sistema observado, e o sistema observado também faz parte do intelecto e da cultura do observador-sistema. Cria-se, em e por uma tal inter-relação, uma nova totalidade sistêmica que engloba ambos. A nova totalidade sistêmica que se constitui associando o sistema-observado e o observador-sistema pode então se tornar metassistema com relação a ambos, se for possível, entretanto, encontrar o metaponto de vista que permita observar o conjunto constituído pelo observador e sua observação. (p. 190)

Ademais, refere que

nenhum sistema cognitivo estaria apto a conhecer-se exaustivamente, nem a se validar completamente a partir de seus próprios instrumentos de conhecimento. É possível remediar a insuficiência auto-cognitiva de um sistema pela constituição de um metassistema, capaz de envolvê-lo e considerá-lo como um sistema objeto. (p. 190)

Morin (1977/2008) utiliza a ideia de *unidade complexa organizada* como um conceito auxiliar de sistema, resultado das interações entre um observador-conceituador e o universo dos fenômenos, o que nos permite representar e imaginar unidades complexas constituídas de inter-relações organizacionais entre elementos, ações ou outras unidades complexas.

Então, para ele, a noção de sistema não é nem simples nem absoluta, já que, em sua unidade, ela comporta relatividade, dualidade, multiplicidade, cisão e antagonismo; o problema da sua inteligibilidade abre a problemática da complexidade perfeitamente cabível para a prática da psicanálise.

Sendo assim, e considerando que um determinado sistema de observação se encontra limitado, é possível utilizar outro sistema para observar o sistema que está saturado. Isso significa que é possível criar sistemas que observam sistemas que observam sistemas e assim sucessivamente.

Em psicanálise usamos predominantemente palavras para nos comunicar; temos um sistema verbal semântico. Baseado em palavras, ele não pode explicar totalmente a si mesmo, já que um sistema complexo formalizado não encontra em si próprio a prova de sua legitimidade.

Como nenhuma observação pode ser completa – aprendemos isso do princípio da incerteza de Heisenberg (1958/1998), que dita ser altamente perturbador, embora bastante valioso, alcançar a ignorância (i.e., a capacidade negativa da mente) –, confesso que, muitas vezes, percebo minha mente sofrendo uma pressão para criar outro sistema de observação que possa ir além daquele que, para mim, se encontra carregado.

Afinal de contas, creio que se deve considerar, no mínimo, dois modos de observação antes de poder escolher uma formulação para oferecer ao paciente e, no máximo, considerar que estamos capturando variados pensamentos da colheita de nossos sonhos. Penso ser possível para o analista alcançar esse propósito incluindo a auto-observação e a observação de suas próprias emoções e sensações que poderão vir a ter qualidades psíquicas. Para mim, além das formulações teóricas que me

direcionam e da sofisticação do pensamento que posso alcançar ao pensar uma experiência que tive, a sensorialidade é uma referência importante como ferramenta do trabalho psicanalítico que faço. Considero que a experiência afetiva com a sensorialidade seja a base de um metassistema de observação que abre um novo horizonte para a intuição (Marques, 2008).

Sobre la metaobservación: de la sensorialidad al pensamiento

Resumen: La autora del presente trabajo ha partido de la idea de que la base de las observaciones psicoanalíticas transita desde la sensorialidad hacia la no sensorialidad hasta llegar a lo mental. Desarrolla conjeturas al respecto de los sistemas de observación psicoanalítica y para eso utiliza la perspectiva de la teoría de la complejidad tal como la propuso Edgar Morin para acercarse a la idea de la multidimensionalidad de la mente. Defiende este tipo de abordaje usando como analogía el holograma. En esta propuesta, la parte elegida por el analista, de manera intuitiva para observar contiene el todo, o sea, la experiencia en curso en un determinado momento. Sugiere que el registro posible de un encuentro entre las dos mentes se puede dar por una ruptura de la simetría que promueve así la asimetría posible de ser reconfigurada. En esta propuesta, utiliza lo que denomina como de “encrucijada”, la decisión del analista por un determinado ángulo de observación que le permita la continuidad en la observación compartida. Este recorrido, que privilegia la trascendencia del impasse a la encrucijada, de lo continuo a o discontinuo, del sistema al metassistema abre las perspectivas para expandir la observación. El pensamiento complejo, ya no siendo binario sino teniéndolo como punto de partida pone en movimiento lo previsible y lo inesperado, el lado material y el inmaterial, las latencias por el camino de la observación.

Palabras clave: metassistema, metaobservación, holograma, sensorialidad

On meta-observation: from sensorial perception to thought

Abstract: The author's starting point is the idea that the foundation for psychoanalytic observation ranges from sensory and non-sensory perception to the psyche. The author speculates about psychoanalytic observation systems employing the paradigm of complexity, posed by Edgar Morin, to reach the concept of a multidimensional mind. This approach is proposed using the hologram as an analogy. In this context, a part – intuitively chosen by the therapist to be observed – contains the whole, that is, what is being experienced at that moment. The author suggests that a feasible tracking of the encounter between two minds is achieved through a symmetry rupture, which causes an asymmetry that can be reconfigured. This approach employs an idea coined by the author as “crossroad”, the therapist's decision for a specific observation point that

enables further shared observation. This path that favors the transcendence from a dead end to the *crossroad*, from the continuous to the discontinuous, from the system to the meta-system opens up new perspectives to expand the observation. Taking complex thought, which is no longer binary, as a starting point sets in motion the predictable and the unexpected, the material and immaterial sides, the latent aspects throughout the paths of observation.

Keywords: meta-system, meta-observation, hologram, sensorial perception

Referências

- Aristóteles. (1985). *Organon* (P. Gomes, Trad.). Guimarães Editores.
- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro: Vol. 3. A aurora do esquecimento* (P.C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bion, W. R. (1997). *La tabla y la cesura* (S. Abreu, Trad.). Editorial Gedisa. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (E. H. Sandler & P. C. Sandler, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise* (J. Salomão, Trad.; E. H. Sandler & P. C. Sandler, Rev. Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Borges, J. L. (2011). *Ficções* (C. Nejar, Trad.; 3a ed.). Globo.
- Heisenberg, W. (1998). *Física e filosofia* (J. L. Ferreira, Trad.). Editora Universidade de Brasília. (Trabalho original publicado em 1958)
- Kant, I. (1988). *Crítica da razão pura* (V. Rohden & U. B. Moosburger, Trans.). Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1781)
- Marques, T. H. T. (2008). A experiência afetiva com a sensorialidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(3), 115-128.
- Morin, E. (2008). *O método 1: a natureza da natureza* (I. Heineberg, Trad.). Editora Sulina. (Trabalho original publicado em 1977)
- Stitzman, L. (2014). Relaciones sin objetos relacionados. *Revista de la Asociación Psicoanalítica Colombiana*, 26(2), 199-227.

Thaís Helena Thomé Marques

Endereço: Rua Padre Marcelino Champagnat, 1505, Royal Park. Ribeirão Preto/SP.

CEP: 14028-515

Tel.: (14) 99784-3212

E-mail: thmarq@terra.com.br